

FOTOS: ANTÔNIO MOREIRA/AT



SIMONE, SILVANA, ATHAÍDE, ADINAN E LORENA trabalham juntos na confecção de roupas femininas. Eles chegam a produzir cerca de 10 mil peças por mês e trabalham das 7h30 às 22h para dar conta das encomendas

A TRIBUNA COM VOCÊ EM NOVO MÉXICO

Família unida vence crise nos negócios

Pai, filhos e neta vieram de Minas para abrir confecção no bairro e hoje têm loja e atendem clientes de todo o Estado

Thainná Karina

Pai, filhos e uma neta decidiram se unir para vencer a crise financeira e recuperar a estabilidade da família: eles abriram uma empresa de confecção de roupas femininas no bairro Novo México, em Vila Velha.

Na fábrica, cada um é responsável por um setor. Eles chegam a produzir cerca de 10 mil peças por mês e vendem no varejo e atacado. A união deles é tão grande que, além de trabalharem, também moram todos juntos.

Tudo começou em Cataguases, Minas Gerais. Segundo o patriarca da família Athaíde Luiz Perassol, 77, a crise na cidade começou em 2000. Na época, eles trabalhavam com fabricação de uniformes.

“Meu cunhado que mora aqui em Vila Velha disse para tentarmos uma nova vida no Espírito Santo. Em 2004, vendemos o pouco que tínhamos e saímos da cidade. Chegamos a Novo México sem nada, praticamente”, contou.

Athaíde disse que, vendo a movimentação de consumidores no Polo da Glória, teve a ideia de montar uma empresa de confecção em casa. Com a ajuda dos três filhos, conseguiu e abriu também uma loja.

“Na época, abrimos também outra loja, na Glória, mas ela foi fechada o mês passado para nos dedicarmos mais à loja do bairro, onde atendemos consumidores de toda a Grande Vitória e lojistas e sacolei-

ras de todo o Estado”, disse.

DEDICAÇÃO

Na fábrica Balaio de Gato, Athaíde faz os cortes das peças. As filhas são Silvana Aparecida Machado Perassol, 48, que coordena a equipe de costura, e Simone Machado Perassol, 43, que é modelista. O filho Adinan Athaíde Machado Perassol, 45, auxilia o pai no corte.

“Trabalhamos de segunda-feira a sábado, das 7h30 às 22h. Quando temos muita encomenda, a gente retorna no domingo e feriado sem hora para ir embora, disse a neta de Athaíde, Lorena Perassol, 25, que cuida da loja.

Ela disse que administra a fábrica, mas, de vez em quando, ajuda na costura. “A empresa tem mais seis funcionários. Para não cairmos de novo em crise, todos da família se desdobram nos serviços, para garantir as entregas dentro do prazo e, assim, fidelizar os clientes.”

HISTÓRIA DO BAIRRO

Copa do Mundo de 1970 inspirou o nome

- > **O BAIRRO** surgiu de um loteamento do Banco Nacional de Habitação (BNH), na década de 1970.
- > **NAQUELA** época, o Brasil disputava a Copa do Mundo no México, o que deu origem ao nome do bairro.
- > **O LOCAL** tinha mata e um pântano, com profundidade de 3 metros.
- > **O BAIRRO** não tinha calçamento e os ônibus não conseguiam transitar. O ponto mais próximo era no Ibes.
- > **EM 1974**, as ruas receberam bloqueios, mas o calçamento não era compactado e eles se soltavam.
- > **HOJE**, o bairro se destaca pela rua Leila Diniz, que concentra o comércio.

Fonte: Moradores e comerciantes do bairro.

COMO FAZER CONTATO

Sugira uma reportagem

Os moradores de Novo México, em Vila Velha, podem reivindicar melhorias e sugerir reportagens sobre o bairro. As indicações podem ser enviadas para o e-mail atcomvoce@redetribuna.com.br. Quem mora em outro bairro pode sugerir uma visita do projeto **A Tribuna com Você** ao local.

AS RECORDAÇÕES



MARIA DA PENHA: “Falta lazer”

Falta de água

Uma das moradoras que está em Novo México desde que o bairro foi fundado é a dona de casa Maria da Penha Perim, 59. Ela contou que chegou em 1970 e que o bairro não tinha calçamento, lâmpadas nos postes e havia muitos insetos.

“Sofríamos com a falta de água, ônibus, comércio. Porém, havia segurança. A gente podia ficar até mais tarde na rua sem perigo. Hoje, é um bairro muito bom para morar, mas falta banco e mais atenção da prefeitura para o lazer”, disse.



LUIZITA está no bairro desde 1980

Casas de conjunto

A dona de casa Luizita Mendonça dos Santos, 71, chegou a Novo México em 1980. Segundo ela, o Centro Comunitário do bairro funcionava como escola, além disso, não existia praça e nem ruas asfaltadas. Ela contou que até hoje, em dias de chuva, os moradores sofrem com os alagamentos.

“Fui uma das primeiras moradoras da rua Rosa Vermelha. Lembro também que a igreja católica era num barraco de tábuas e todas as casas faziam parte do Conjunto Banco Nacional da Habitação. Lembro também que as pessoas saíam para trabalhar de bicicleta, pois o ônibus demorava a passar”, disse.